



## Resenha do livro: A vida não é útil

Maria de Lourdes Santos Ferreira<sup>1</sup>

Submissão em: 01 out. 2023

Aceite em: 23 out. 2023

Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

O ano é 2023. Os ipês amarelos, já quase sem flores, anunciam a chegada da primavera. Os termômetros, em quase todo o país, passam a marca dos 30°C. Em todos os noticiários, alerta de risco de desidratação, devida ao calor e à baixa umidade do ar. Escolas suspendem aulas. Estamos em um conto de Graciliano Ramos? Não, estamos em pleno século XXI, vivendo os efeitos das mudanças climáticas, previstas por tantos, alertadas por tantos, e debatidas por tantos. Dentre tantos que alertaram para esse momento, está o indígena brasileiro, filósofo e escritor, Ailton Krenak.

Um dos principais ativistas pelos direitos dos povos indígenas no Brasil, e o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, o autor tem se destacado como uma voz importante na defesa do meio ambiente e da justiça social. *A vida não é útil* (Krenak, 2020) e *Ideias para adiar o fim do mundo* (Krenak, 2019) são alguns dos seus textos que ganharam destaque por abordarem uma série de questões cruciais, incluindo a degradação ambiental, a preservação das culturas indígenas e a necessidade de repensarmos nossas relações com a natureza e com o planeta.

Lançado em 2020, *A vida não é útil* encontra terreno fértil para o debate, especialmente se consideramos o momento sociopolítico em que se encontra o mundo. Em contraposição a uma onda de degradação ambiental, se não incentivada por alguns governos, por eles negligenciada, tem-se movimentos mundiais em defesa do meio ambiente, dentre os quais o Acordo de Paris, Greenpeace, Movimento Fridays for Future, iniciado por Greta Thunberg em 2018, dentre tantos outros.

As reflexões apresentadas por Krenak têm a força de uma bofetada, pois corroborando os alertas apresentados no livro, temos os dados do Relatório Anual do Desmatamento no Brasil, os quais comprovam que no período de 2019 a 2022, foram desmatados 6.606.499 hectares, o equivalente a 1,5 vezes o estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Endereço eletrônico: [lourdes.ferreira@ufvjm.edu](mailto:lourdes.ferreira@ufvjm.edu) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1906-1375> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/000819383102772>

O livro está dividido em cinco capítulos. No primeiro, intitulado “não se come dinheiro”, o autor destaca o histórico potencial destrutivo humano, causado pelos próprios humanos. Dessa perspectiva, a humanidade está dividida em duas categorias: uma de humanos, pertencentes a uma casta privilegiada e uma de subhumanos, à qual pertencem todos aqueles que estão alijados de quaisquer privilégios (caiçaras, indígenas, quilombolas e todos os demais seres, humanos ou não, que não pertençam à classe privilegiada). Em nome de um suposto progresso, a casta que se considera melhor do que as outras destrói todos os que não pertencem a ela. O autor reflete sobre as consequências globais causadas pela degradação ambiental e que expõem a condição de vulnerabilidade a que estão sujeitas todas as pessoas, independente da casta à qual pertençam. Essa vulnerabilidade foi evidenciada pelo corona vírus, cuja letalidade se dá, principalmente, pelo ataque ao sistema respiratório; se faltar o ar, independente de quanto dinheiro as pessoas possam ter, elas morrerão. Daí a ideia central do capítulo: não se come dinheiro.

No segundo capítulo, “sonhos para adiar o fim do mundo”, o autor usa o termo sonho de maneira metafórica para refletir sobre a maneira como os sonhos podem guiar nossas ações. Ele analisa seus significados especialmente da perspectiva da cultura indígena, destacando o sonho como sendo uma instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano e também como um lugar de veiculação de afetos. Ele defende que diante dos desafios ambientais, sociais e culturais que enfrentamos, é vital mantermos nossa capacidade de sonhar e de imaginar um futuro melhor. Ao falar em sonhos para adiar o fim do mundo Krenak enfatiza a necessidade de reconectar-se com valores mais profundos e com a natureza, de reconsiderar nossas prioridades e de adotar um modo de vida mais consciente e sustentável. Ele sugere que ao sonhar com um mundo melhor, podemos nos inspirar a tomar medidas positivas para preservar o meio ambiente e construir um futuro mais harmonioso e equitativo.

No terceiro capítulo, intitulado “a máquina de fazer as coisas”, o autor traz para a pauta a relação entre o consumismo e o preço a ser pago por isso. Nesse contexto, a "máquina" é uma metáfora para a sociedade de consumo em que vivemos, onde as pessoas frequentemente são incentivadas a comprar, usar e descartar, aumentando cada dia mais a demanda pela produção e, com isso, exaurindo os recursos do planeta. O autor afirma que não é o vírus (corona vírus) que veio para devorar o mundo, mas sim, nós, os humanos, com nossa ganância, que viemos para destruir o mundo. Neste capítulo, o autor dialoga com o pensamento de vários outros escritores e filósofos, dentre eles Milton Santos, Martin Luther King e Mahatma Gandhi. Ao referir-se ao consumo excessivo dos mais ricos em contraste

com as necessidades não atendidas dos mais pobres, ele destaca uma resposta de Gandhi à indagação de um jornalista inglês, sobre se a terra poderia comportar tanta gente, à qual Gandhi responde que “A terra tem o suficiente para as nossas necessidades, mas se você quiser uma casa na praia, um apartamento na cidade e um mercedes-benz, não tem para todo mundo”. Com esse exemplo ele sintetiza o consumo não só excessivo, mas extremamente egoísta, que está no cerne da degradação ambiental, do esgotamento de recursos e da emissão de gases de efeito estufa, que tem impactos significativos no planeta e nas comunidades mais vulneráveis.

No quarto capítulo, “o amanhã não está à venda”, o autor reflete sobre as lições que o corona vírus poderá deixar para a humanidade. A necessidade de isolamento exigiu que o mundo parasse; mas muitas pessoas apenas adiaram compromissos como se tudo fosse voltar ao normal. O autor afirma que quem acredita na volta dessa normalidade não aprendeu nada com essa crise sanitária mundial. Com isso, ele constata que o futuro é aqui e agora, que pode não haver amanhã, pois o vírus não discrimina ninguém e, quem o contrai, tendo ou não dinheiro, pode vir a sucumbir.

No quinto e último capítulo, “a vida não é útil”, que é o título do livro, o autor tece uma crítica às teorias que insistem em dar à vida um sentido de utilidade, quando, na verdade, na sua visão, a vida deve ser fruição. Segundo ele, as religiões, a política, as ideologias se prestam muito bem a emoldurar uma vida útil. Porém, a vida humana não deve ser avaliada apenas com base em sua contribuição para a produção econômica, mas sim pelo seu valor intrínseco e pela sua conexão com a teia da vida na Terra.

Toda a obra nos obriga, o tempo todo, a nos repensarmos e às nossas ações, uma vez que não há ação isolada sobre a terra. O autor afirma que “a cada passo que damos em direção ao progresso tecnológico, estamos devorando alguma coisa por onde passamos”. Essa afirmação coloca em xeque os discursos recorrentes acerca da sustentabilidade e, através deles, as ações que vêm sendo concretizadas ao longo da história. O termo sustentabilidade vem sendo banalizado e esvaziado, de tanto ser usado para maquiagem de ações de degradação. Um exemplo disso são os discursos que antecipam o progresso no Vale do Jequitinhonha, no momento atual, através da exploração do “lítio verde”. Apesar das narrativas de uma extração pautada na sustentabilidade, tem-se os relatos de membros das comunidades que vivem no entorno das minas, que denunciam, mais uma vez, o completo desrespeito aos direitos humanos, daqueles que vivem nas proximidades das plantas de exploração.

Essa situação nos remete à reflexão inicial desse livro, na qual é proposta uma divisão da humanidade em humanos e sub-humanos. Os lucros projetados pela exploração do lítio

representariam produção de riqueza, sem dúvida, mas em benefício de quem? Ao que tudo indica, o acesso ao tão alardeado progresso estará restrito aos 20% da população mundial, incluídos na categoria privilegiada dos humanos. Aos 80%, excluídos dessa categoria de humanos (os subumanos), restariam as consequências da degradação socioambiental resultado da extração dita “sustentável”. Os ganhos na produção do “lítio verde” estão sendo vendidos como um passaporte para o futuro; mas haverá um futuro?

Assim, as reflexões e incômodos suscitados pela obra de Krenak se alinham às palavras de Greta Thunberg, em seu discurso proferido na cúpula da ação climática, em 2019:

Como ousam! Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias. E, no entanto, sou uma das pessoas sortudas. As pessoas estão sofrendo. As pessoas estão morrendo. Ecossistemas inteiros estão em colapso. Estamos no início de uma extinção em massa, e vocês só falam de dinheiro e contos de fadas de crescimento econômico eterno. Como se atrevem! Por mais de 30 anos, a ciência tem sido clara. Como ousam continuar a olhar para o lado e vir aqui dizendo que estão fazendo o suficiente, quando a política e as soluções necessárias ainda não estão à vista.” (Fragmento do discurso de Greta Thunberg na Cúpula de Ação Climática de 2019).

Desnecessário destacar que os riscos do colapso planetário evidenciados por Krenak não podem ser uma preocupação apenas dos ambientalistas. Cada área do conhecimento deve tomar para si a tarefa de promover a reflexão, o debate, e a proposição de ações assertivas, assumindo sua responsabilidade para com o futuro do planeta. Considerando o turismo, que é a área do periódico no qual se insere o presente texto, sua responsabilidade inclui, dentre outras ações, avaliar os impactos que essa atividade traz para o meio ambiente e contribuir na elaboração de políticas que visem minimizar esses impactos.

Embora o livro “A vida não é útil” tenha sido construído utilizando uma linguagem poética e, muitas vezes, as metáforas possam não ser de fácil compreensão, principalmente se se buscar ali a literalidade da linguagem científica, é impossível ler essa obra sem se implicar. Trata-se de uma convocação que exige de todos nós tomarmos partido. Para além das perguntas sobre a utilidade da vida é importante que nos questionemos, principalmente, sobre com qual lado, nessa divisão da humanidade, queremos nos comprometer.

## Referências

- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MapBiomass (2023). *Relatório Anual de Desmatamento 2022*. São Paulo: MapBiomass. Recuperado de: <http://alerta.mapbiomas.org>
- Thunberg, G. (2019). *Discurso apresentado na Assembleia Geral das Nações Unidas*, Nova York, NY, 23 de setembro de 2019. Recuperado de: <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1688042>

